

Revista Mídia e Cotidiano

ISSN: 2178-602X

Editorial

Volume 14, Número 3, set./dez. de 2020

A mídia e o espírito do tempo

The media and the spirit of the time

Los medios y el espíritu de la época

Carlos Alberto ZANOTTI¹

Larissa MORAIS²

A foto de capa para esta edição temática de *Mídia e Cotidiano*, cedida pelo repórter fotográfico Nelson Chinalia, pode ser considerada particularmente emblemática para o momento que estamos vivendo. “Luz e Sombra” ilustra à perfeição o espírito do tempo – ou o *zeitgeist* – de que nos fala o autor do primeiro de nossos textos. No artigo, Ary de Castro Azevedo Júnior recorre à expressão alemã para remeter a uma atmosfera do tempo presente marcada por uma inflexão mundial em valores que já não mais acompanham o léxico do humanismo, como solidariedade, tolerância, respeito às diferenças, civilidade, compaixão. Apontar quais reflexos esses novos tempos trazem ao universo midiático foi o desafio lançado para o dossiê desta edição que propôs discutir as áreas de afeto entre mídia e neoconservadorismo.

Alguns desses reflexos os profissionais de imprensa que atuam na cobertura da presidência sentem na própria pele, como ficar confinados a um “cercadinho”, lado a lado com os que gritam “mito” à porta do Palácio do Alvorada. A antiga mediação que competia à mídia foi substituída por pronunciamentos insólitos em redes sociais,

¹ Professor da Faculdade de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte, da PUC-Campinas. E-mail: zanotti@puc-campinas.edu.br. ORCID: 0000-0002-6644-7206.

² Professora adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense e professora e pesquisadora do PPG Mídia e Cotidiano. E-mail: larissamorais@uol.com.br. ORCID: 0000-0001-6906-1635.

desconexos em sua grande maioria, e pouco críveis em sua quase totalidade. A civilidade, que marca o avanço no processo civilizatório, cedeu lugar a xingamentos, ofensas e ameaças – que a rigor não são práticas inauguradas pela atual chefia da nação. De forma menos ruidosa, não foram poucos os profissionais de imprensa que enfrentaram a ira dos poderosos, em especial quando eram apoiados ou mesmo oriundos da própria caserna. A novidade do tempo presente é que o xingamento, a ofensa e as ameaças são agora desferidas à luz do dia, tendo se transformado em estratégia política à caça de admiradores. E o que é pior: parece que têm surtido bons dividendos a quem aposta no retrocesso.

Da hipótese mais rasa de que a direita deixou de se envergonhar dos valores que cultiva, inúmeros são os pesquisadores que têm procurado explicar o crescimento de posturas conservadoras no mundo contemporâneo. Parodiando o título de um longa-metragem de grande sucesso, Castro (2016), por exemplo, derivou de sua tese de doutorado um texto no qual faz um necessário convite: “Precisamos falar sobre o (neo)conservadorismo no Brasil”. Pelo campo do Direito, ele observa que o pensamento conservador contamina todo o arcabouço jurídico do país, descrevendo-o como “uma espécie de primo pobre, menos afamado, das duas principais correntes ideológicas herdeiras do iluminismo: o liberalismo e o socialismo”. Seus adeptos já não se apegam à regulação da economia, mas dedicam esforços para defender a ideia de que o grande mal do mundo ocidental “seria a profunda crise de valores que destrói as fundações da moralidade social”.

Pelo terreno da Sociologia, Vares (2016) aponta que o conservadorismo – expressão originalmente datada da década de 1800, nos EUA – é entendido como uma doutrina de cunho reativo. O autor recolhe ao menos cinco leituras a justificarem o caráter do conservadorismo: a aristocrática, a pragmática, a situacional, a que se assenta na força do hábito e a ideológica. De um modo geral, as explicações trazem em comum a hipótese de que os conservadores têm uma enorme aversão à mudança, seja por receio de que as coisas possam lhes sair do controle, seja pela perda do poder político ou econômico. Assim, o autor resume: “pode-se afirmar que [...] o descaso revolucionário em relação à autoridade, aos privilégios, à hierarquia e às tradições soa como um grande absurdo” (VARES, 2016, p. 82). Não é sem razão, portanto, que entre as demandas do

neoconservadorismo está o profundo apreço ao poder militar (TEIXEIRA; CALANDRELLI, 2017) e o controle do sistema educacional (LIMA; HYPOLITO, 2019), quando não a sua mera redução à condição de pragmática mercadoria (PINHEIRO, 2019).

Também não foi por acaso que uma pesquisa qualitativa, de larga abrangência, patrocinada pela Fundação Tide Setubal (O CONSERVADORISMO..., 2019), revelou que a vitória do capitão reformado do Exército Jair Bolsonaro, nas eleições de 2018, se deveu a uma percepção generalizada de que estaria faltando “ordem” na sociedade brasileira. Este, que é um dos binômios inscritos no coração do pavilhão traduz o temor de que – saindo do controle – as coisas possam ficar “piores”, notadamente no território dos costumes. A instituição que patrocinou a pesquisa – uma importante *think tank* brasileira, para aproveitar terminologia adotada no primeiro de nossos textos – partiu da constatação de que, como registra o artigo, a emersão da nova direita e, claro, a eleição de Jair Bolsonaro, aguçaram as pesquisas sobre as tendências conservadoras presentes na sociedade brasileira.

Do texto inicial de Azevedo Júnior, nosso dossiê parte para o artigo de Renata Correia Lima Ferreira Gomes, Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa e Tarcísio de Sá Cardoso, que explora a construção de crenças a partir de mutilações epistemológicas. Ao espírito do tempo, o mecanismo desvenda a gênese de credos negacionistas, movimento que acompanha a divulgação (mesmo que, por vezes, inconsciente) de mentiras propagadas no formato de notícias. No terceiro artigo, Richard Romancini faz uma importante reflexão ética e metodológica a respeito de pesquisas que têm atores e movimentos de direita como objeto de estudo, em especial no espaço digital. Suas reflexões confrontam dilemas de ordem prática que advém da abordagem de entrevistados dos quais o pesquisador discorda.

O texto seguinte parte de uma analogia do *slogan* que inspira grupos de direita para observar os imaginários sociodiscursivos nos pronunciamentos de posse de Jair Bolsonaro nos primeiros dias de 2019. “Conservadorismo acima de tudo e de todos”, de Mariana Ramalho Procópio Xavier e Maurício João Vieira Filho, adota o aporte da Teoria Semiolinguística, de Patrick Charaudeau, para apontar os imaginários mobilizados pelo ex-capitão do Exército para se oferecer enquanto alternativa de poder, até porque,

predestinado que se apresenta, sobreviveu a um atentado a faca para cumprir sua tarefa messiânica. Já o sexto texto, de Camila Quesada Tavares, vai a um ator do sistema de mídia – o jornal *Gazeta do Povo*, do Paraná – que abandonou a edição impressa depois de 98 anos para se dedicar exclusivamente a uma plataforma digital, na qual implementou uma nova linha editorial, agora focada no público à direita do espectro ideológico. No lugar da clássica doutrina do jornalismo informativo, a publicação adotou uma perspectiva politicamente alinhada, conforme revela a autora. Já no sétimo texto, o último da sessão temática, André Luis Cardoso e Neiva Vieira da Cunha apresentam um estudo de caso focado no movimento de resistência em defesa da Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), ocorrido no primeiro trimestre de 2017. Desde uma perspectiva antropolítica, centrada na descrição etnográfica, quatro categorias analíticas (políticas midiáticas, discurso do resistir, partilhas educativas e poéticas da identidade) emergiram da pesquisa de campo, sendo exploradas no artigo.

Já a seção livre inicia com o texto de Laura Cánepa que discute o filme “Os Jovens Baumann”, de Bruna Carvalho Almeida, cuja narrativa alinha-se ao estilo conhecido como *found footage* (filme encontrado). A autora destaca que, entre outras singularidades desta produção paulista que articula horror e fantasia, sua trama, centrada na década de 1990, investe em uma série de opções temáticas e estilísticas que conferem singularidade à obra. Do horror passamos à política (ou não?) mas continuamos no cinema com o texto “A encenação midiática da política no filme *O Processo*”. Escrito pelo trio Márcio Zanetti Negrini, Cristiane Freitas Gutfreind e Helena Maria Antonine Stigger, o artigo problematiza a obra da diretora Maria Augusta Ramos de modo a percebermos como o documentário – observado como documento de uma época – acaba por desvelar, entre outras questões, a atual “encenação midiática da política”.

Mudando o foco, agora, para o jornalismo, mas mantendo a relação com o audiovisual, a seção segue com o artigo “Narrativa e animação: representações da maternidade na websérie *Conception*”. No texto, as autoras Christina Musse e Isabella de Souza Gonçalves discutem esta produção do *New York Times* que tem como temática a maternidade, abordada em linguagem multimídia, o que resulta, entre outros pontos, em uma narrativa híbrida ou “jornalismo de animação”, como cunharam as autoras. Na sequência, o texto de Rostand de Albuquerque Melo e Antônio Simões Menezes também

vai se concentrar na ideia de inovação no jornalismo a partir dos portais nordestinos Correio 24 horas e NE10. Desta vez, o foco é o uso da realidade virtual em 360° como experimentação (ou não) da linguagem. E, para fechar este grupo de textos que se volta sobre o jornalismo, na sequência temos o artigo de Francisco Aquinei Timóteo Queirós, que se debruça sobre a reportagem “A guerra do começo do mundo”, de Eliane Brum. A proposta de Queirós é problematizar os “sujeitos ordinários” presentes no trabalho de Eliane Brum, a partir das bases teóricas da micro-história italiana, estabelecendo um diálogo interdisciplinar profícuo com este “trânsito” teórico.

Também os dois últimos textos da seção procuram adensar as discussões da comunicação pautando-se por abordagens interdisciplinares. Em “As contribuições da ‘publicidade de causa’ na construção de um novo lugar para o consumo”, Bruno Pompeu e Clotilde Perez, baseados em uma ampla revisão bibliográfica da publicidade em aproximações com a teoria política, trazem as discussões que envolvem “a publicidade de causa” percebendo-a como uma expressão de “uma nova dinâmica social do consumo”. Na sequência, fechando a seção, temos o artigo de Teresa Mary Pires de Castro, intitulado “Educomunicação e Autoetnografia: diálogos e aproximações” que tendo como premissa a ideia de “Comunicação como um direito humano”, recorre a autores basilares da Educomunicação, tais como Paulo Freire, Mário Kaplún e Grácia Lopes Lima, para discutir as relações entre conceito e metodologia que aborda.

Finalmente, fechando esta edição trazemos a entrevista realizada por Pedro Barreto com o professor e pesquisador Muniz Sodré. Realizada em dois momentos – antes de Sodré ter sido internado em decorrência da Covid-19 e agora, após ter ficado 45 dias no hospital, passando por momentos críticos – a entrevista, entre outras questões abordadas pelo titular da Escola de Comunicação da UFRJ (e, sem dúvida, uma das referências fundamentais de todos que investigam o fenômeno comunicacional), aborda a “sociedade incivil”, conceito que vem trabalhando junto com a professora e pesquisadora Raquel Paiva. Além desta questão, Sodré também aborda as sociabilidades contemporâneas atravessadas pelo uso das redes sociais e, claro, analisa, ainda o Jornalismo, a Educação e o papel do professor neste difícil momento em que estamos. Com a entrevista, além das contribuições sempre tão substantivas com que nos brinda Muniz Sodré, pretendemos expressar nesta edição a alegria de todos nós da Comunicação,

e particularmente do Programa de Pós-Graduação Mídia e Cotidiano, o quanto comemoramos o restabelecimento deste colega e mestre tão querido.

Na esperança de que os esforços de nossos colaboradores venham a jogar um pouco de luz nas áreas de sombra da foto de Chinalia - uma imagem colhida no aparentemente longínquo anos 1988, quando vivíamos a véspera da primeira eleição direta para presidente no período da última redemocratização do Brasil e que resultou na eleição de Fernando Collor de Mello (com todo o envolvimento midiático que nos parece tão fortemente cíclico quando olhamos para 2018...) -, desejamos a todos uma boa leitura.

Carlos Alberto Zanotti e Larissa Morais (Editores da Seção Temática)

Denise Tavares, Isabella Rega e Renata Tomaz (Editoras-chefes)

Referências

CASTRO, F. A. Precisamos falar sobre o (neo)conservadorismo no Brasil. **Justificando**. 6 nov. 2018, p. 1-4. Disponível em: <https://www.justificando.com/2018/11/06/precisamos-falar-sobre-o-neoconservadorismo-no-brasil/>.

LIMA, I. G.; HYPOLITO, A. M. A expansão do neoconservadorismo na educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 45, 2019, p. 1-15. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/162556/156377>.

O CONSERVADORISMO E AS QUESTÕES SOCIAIS. **Fundação Tide Setubal**. Plano CDE – Pesquisa, Inovação e Impacto. São Paulo, 2019. Disponível em: <http://conteudo.fundacaotidesetubal.org.br/downloadconservadorismo>.

PINHEIRO, M. C. de O. Marcos Cesar de Oliveira Pinheiro. A “crise da educação” em tempos de neoconservadorismo: a contribuição da história da educação para compreender o presente. **Cadernos GPOSSHE On-line**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 120-142, 2019.

TEIXEIRA, C. G.; CALANDRELLI, J. F. R. Donald Trump e o Neoconservadorismo. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 24, n. 38, p. 380-395, dez. 2017.

VARES, S. F. A sociologia durkheimiana e a tradição conservadora: elementos para uma revisão crítica. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 20, Brasília, p. 79-120, mai./ago. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220162003>.